

**ASPECTOS VISUAIS:  
CONCEITOS  
E  
FUNÇÕES**

A existência da Imagem  
pressupõe sua ocorrência  
no mundo









Entretanto, para que uma  
imagem ocorra, é  
necessário admitirmos  
duas instâncias:  
Virtualidade  
e  
Realização

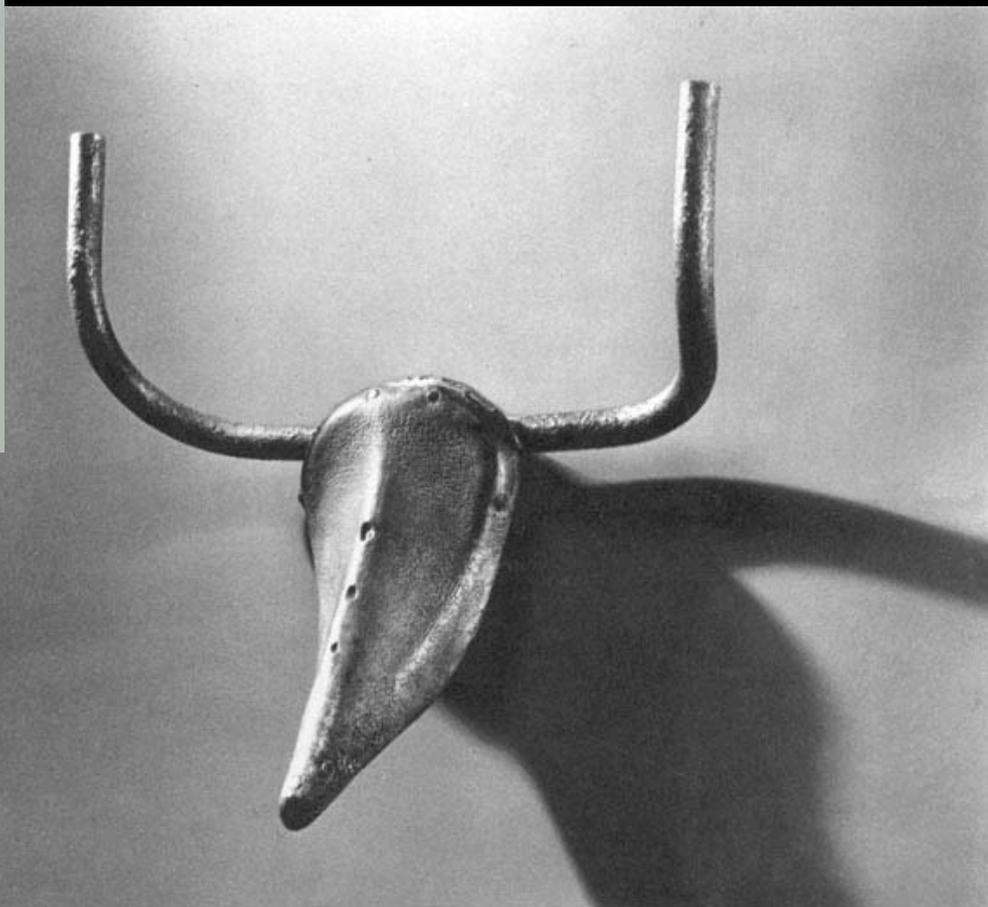
A virtualidade admite e  
pressupõe a potência, a  
intencionalidade, ao passo  
que a realização  
pressupõe o ato, ou seja a  
ocorrência ou realização

VIRTUALIDADE,  
INTENCIONALIDADE e  
POTENCIA  
determinam o  
VIR A SER  
COMO EXISTÊNCIA  
POSSÍVEL DE SER  
REALIZADA ENQUANTO  
COISA NO MUNDO

É possível dizer que um dos elementos propiciatórios da Expressão, artística ou não, é a intencionalidade, ou seja, a possibilidade de *vir a ser*, a potencia capaz, por meio do ato, de se transformar em ocorrência no mundo

Para que algo se manifeste como coisa no mundo, deve ser, primeiro, pensada algo que altere o *status quo*, algo que faça ou produza diferença naquilo que se constitui como mundo ou “realidade” como se diz

Pensar a expressão que envolve a ocorrência ou a existência das imagens, pressupões identificar as problemáticas que determinam os atos criativos: as suas diretrizes conceituais, materiais ou poéticas



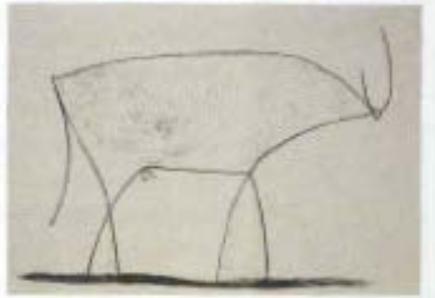
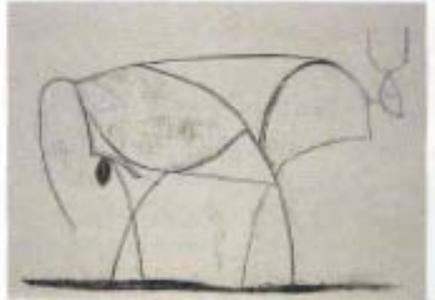
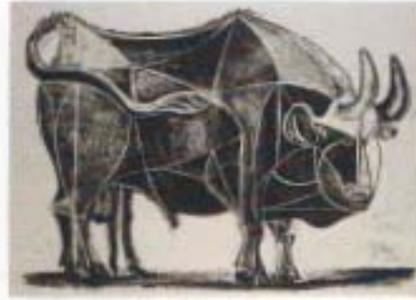
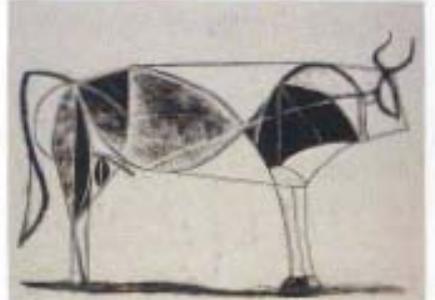
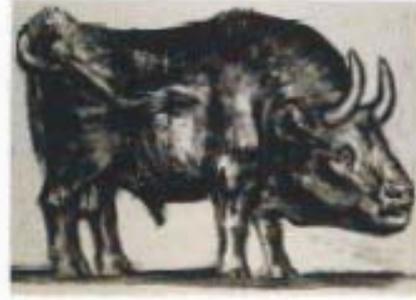
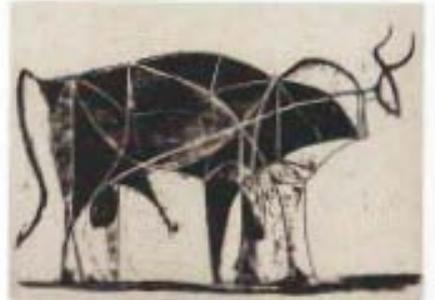
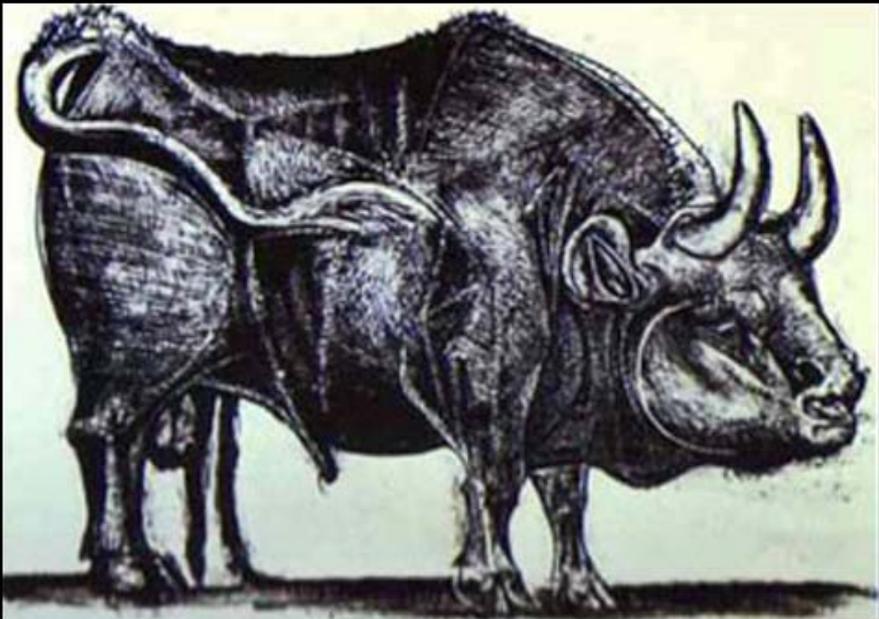


**(c) 2005 Dianne Durante**

Poéticas vêm do grego *poien*  
que se refere ao fazer, ao  
processo de criação, logo,  
poética, como usamos aqui,  
tem o sentido de produção,  
realização

determinam a seleção e  
organização e configuração das  
substâncias expressivas é o  
que chamamos  
*criação*

Estes procedimentos incluem diferentes tipos de escolhas: desde os materiais, instrumentos, aparelhos até as mídias ou suportes que podem servir de amparo ou base para a realização das imagens



Picasso: Huit états du Taureau, 1945-1946.



Tudo isso decorre daquilo que chamamos anteriormente de intencionalidade, ou seja, um impulso primeiro, anterior ao ato ou processo criativo que mobiliza este vir a ser que é a expressão em si

O processo criativo depende de  
uma espécie de mola  
propulsora, de algo que o faça  
ser algo e existir, capaz de  
deixar de ser virtualidade e  
decorrendo de um ato, um  
gesto ou ação, se transforme  
em realidade

A expressão é o ato plasmador  
ou criativo, cujo procedimento  
instaura a ocorrência da  
imagem

A expressão é o modo como se  
forma e se conforma a imagem,  
é ela que lhe dá aparência,  
mediante a organização das  
substâncias que lhe concederão  
a existência

Para que a imagem seja  
presença no mundo, ela será  
submetida aos  
constrangimentos da  
formatação que lhe dará a  
aparência por meio da qual a  
apreenderemos e  
reconheceremos

São os constrangimentos  
formais aos quais as  
substâncias expressivas são  
submetidas que determinam a  
aparência e a essência que as  
imagens assumem para ser e  
estar no mundo

Pode-se dizer que a formatação às quais são submetidas as substâncias matéricas é bem diferente da formatação de substâncias imatéricas, ou seja as idéias ou conceitos

A rigidez da pedra pode limitar a formatação de uma escultura, ao passo que a fluidez da palavra pode expandir a sonoridade de um poema

O mesmo se pode dizer da  
bidimensionalidade ou da  
tridimensionalidade de uma  
Obra de Arte, estar em  
superfície é diferente de estar  
no ambiente

Uma imagem pode ser  
constrangida de vários modos,  
desde os limites, arestas ou  
contornos de uma dada área  
até sua capacidade de imitar,  
sugerir ou imaginar algo

Todos os recursos utilizados para a constituição de imagens artificiais, como o efeito de luz e sombra, da perspectiva ou cromáticos, ajudam a propor, recompor, redimir ou obliterar o espaço em que vivemos

Entretanto, ao ser realizada,  
uma imagem se coloca no  
mesmo meio e nas mesmas  
condições de existência do  
mundo natural e, portanto,  
passa a dialogar com ele

A imagem é capaz de proporcionar uma “vivência” tão rica, quanto as demais experiências sensíveis com as quais convivemos no meio

Na verdade, o que elas nos proporciona é um *efeito* de realidade.

Nós as entendemos como se naturais fossem, embora saibamos que não são

Uma imagem é capaz de colocar em xeque a fé que temos no mundo natural. São capazes de nos mostrar um mundo apenas sensível, mas incorpóreo, artificial, que existe ou reside apenas nos sistemas de registro com os quais convivemos

Uma foto pode dialogar com o mundo visível, mas não o torna real apenas por imitá-lo ou sugerir-lo, tornando-o presente na sua ausência

Nesta linha de raciocínio  
queremos tratar da questão do  
*transladamento fotônico*  
que determina a ocorrência das  
imagens fotográficas













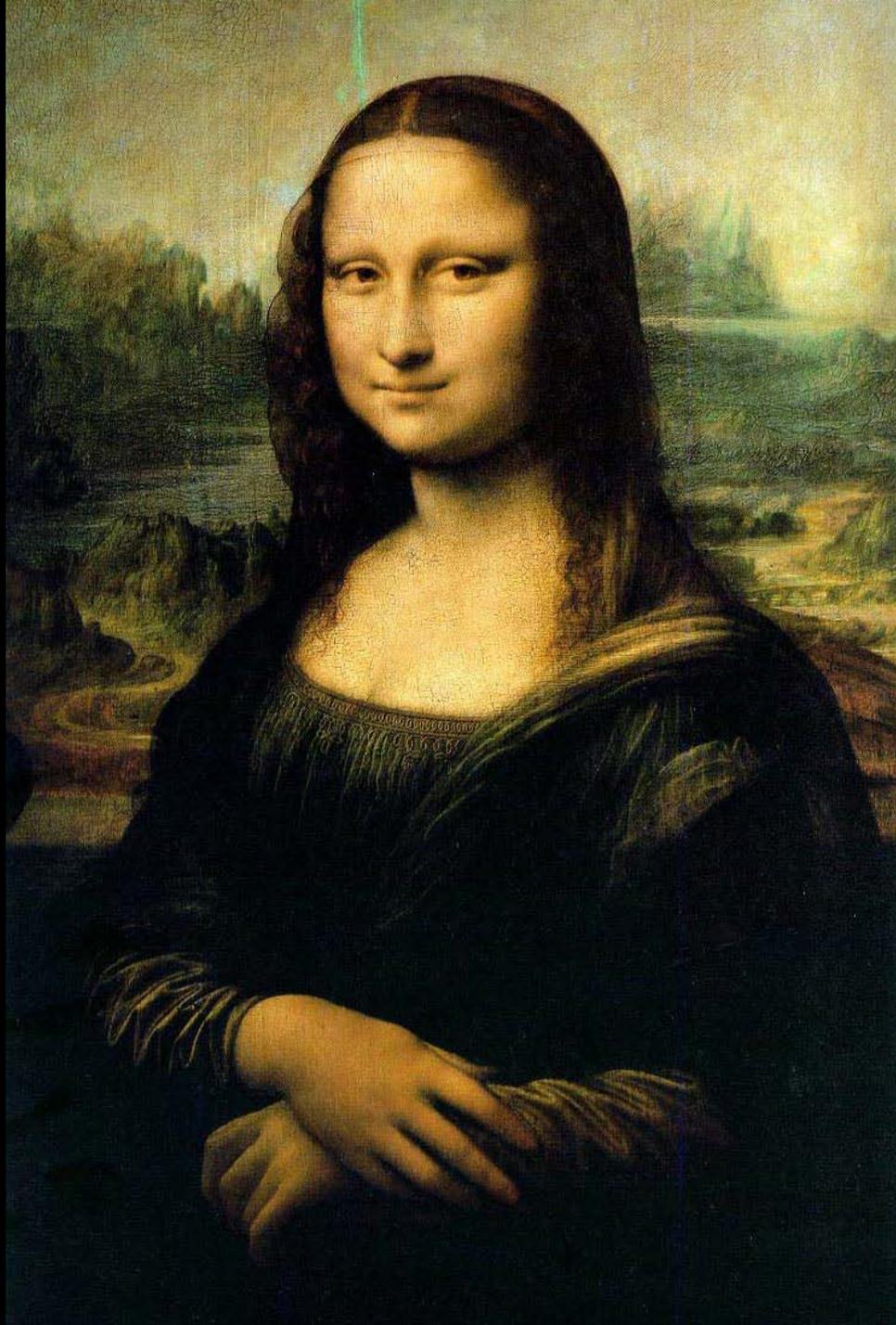
© Derek Langley/darknessandlight.co.uk

Quais são os ganhos ou perdas  
aos quais as imagens são  
submetidas para mostrarem  
suas transformações de estado  
e produzirem significação?





Uma pintura fotografada é ainda  
uma pintura?







O que ela ainda possui de pintura e o quanto ela assumiu de fotografia? Onde termina a pintura e começa a fotografia e vice-versa?

Quais são os ganhos e quais são as perdas?

Um romance ganha ou perde  
quando é convertido em  
cinema?

Uma pintura pode ser transformada em música?  
Se pode, qual é o critério para esta transliteração?

Mesmo traduzindo uma manifestação em outra, é possível preservar suas essência ou reordenamos também essas essências e produzimos outros sentidos?

Sabemos, entretanto, que toda  
mudança de forma implica  
necessariamente em mudança  
de conteúdo, logo, transliterar  
ou transsubstanciar implica em  
ressignificar

Qualquer mudança na  
aparência implica em mudança  
na essência

Qualquer mudança sintática  
designa mudanças semânticas

Logo, uma obra, concebida num  
dado formato, mídia ou suporte,  
difícilmente poderá ser  
transubstanciada para outro  
sem que haja também  
mudanças de sentido

Entretanto é admissível e possível reler, recriar, reconceber, reestruturar uma dada obra sem perder seu referencial temático, suas qualidades ou seus valores

É concebível que as imagens  
possam ser transladadas,  
transferidas de um lugar para  
outro

Uma pintura pode estar numa tela, do mesmo modo que pode estar numa estampa que a reproduz, entretanto, cada coisa é uma coisa, inclusive seus fins e funções

Uma obra de Picasso pode ser reproduzida em um livro de História da Arte, embora seja ainda uma imagem, mesmo fazendo referência à obra de Picasso, não é mais a obra

Sabemos de antemão que uma foto de uma pintura não é uma pintura, mas também sabemos, que certas qualidades inerentes à pintura ainda permanecem ali

Do mesmo modo que sabemos  
que uma fotografia que toma  
uma parcela ou detalhe do  
mundo não é mundo, nem sua  
reprodução mais próxima ou  
verdadeira, mas apenas um  
sucedâneo, parcial e  
incompleto, de mundo

Entretanto, pela capacidade que a fotografia tem de se apropriar, com uma certa precisão, de algumas qualidades sensíveis que ocorrem no mundo, temos a ilusão de que uma imagem fotográfica é muito próxima daquilo que temos no mundo, portanto atribuímos a ela um sentido especial, o de credibilidade

É este sentido que nos faz referir a uma fotografia como se nos referíssemos ao mundo, entretanto, sabemos que isto é apenas um *efeito de sentido*

Assim, é possível dizer que as imagens são também modos de ler o mundo. Elas traduzem e reorganizam o modo de ser do mundo em seus próprios modos de ser tanto quanto fazemos com os demais meios de explicar e explanar sobre o que vemos e o que sabemos do mundo

Cada imagem é, em si, uma realidade possível: tomada, apropriada, assimilada ou imaginada mas, uma construção cultural, significante e significativa detentora e produtora de sentido

Tomando o lingüista Ferdinand de Saussure como referência, podemos falar da arbitrariedade do signo que une, numa só instância, significante e significado

O significante, nada mais é do que a manifestação sensível do signo, quer seja imagem, palavra, gesto, som, etc

O significado é sua essência,  
ou seja aquilo que o faz  
significar e produzir sentido

Uma imagem, qualquer  
imagem, pode ser entendida  
como manifestação sígnica,  
logo, detentora de significado

Podemos dizer que um signo é  
uma unidade de significação,  
ou seja, a menor instância  
capaz de produzir sentido

Uma marca, um sinal, um traço, uma mancha por mais simples que sejam, já contêm em si propriedades significativas



